

■ Mário H. Simonsen

O governo deve ser prudente e nada fazer de ousado, pois seria arriscado



A nova equipe econômica herda problemas muito difíceis de resolver por uma razão: a previsibilidade da economia brasileira, depois de tantos choques, de tantas mudanças de regras do jogo, tornou-se muito pequena. Se perguntarmos hoje o que é a demanda de moeda no Brasil, qual a provável arrecadação tributária neste ano de recessão, qual a reação das empresas ao descongelamento de preços, qual será a reação dos trabalhadores a uma retomada da inflação consequente ao reajuste de preços, entramos num cipoal de perguntas para o qual nenhum de nós tem uma resposta precisa. As respostas em economia se baseiam em comportamentos passados, são sedimentadas através do tempo dentro de certas regras do jogo. Quando as regras do jogo são intensamente mudadas, como reagem os agentes econômicos? Não sabemos a resposta.

Fatalmente, a nova equipe vai ter que entrar num processo de pilotagem visual, pois os sucessivos choques no Brasil quebraram os instrumentos de voo. A única regra possível em pilotagem visual é prudência, não fazer nada muito ousado porque pode ser muito arriscado. Com o tateamento, pode-se descobrir exatamente quais são as reações dos agentes econômicos. O trabalho de descongelamento pelas câmaras setoriais é uma resposta a esse problema. Todo mundo sabe que os preços não podem ficar congelados eternamente. Mas sabe também que, se for feita uma liberação abrupta de preços, o resultado pode ser um pequeno fluxo inflacionário, mas muito mais provavelmente um estouro da boiada. Logo, não vejo outra possibilidade para a nova equipe a não ser agir discretamente e, aos poucos, ir tomando o pulso da economia.

A nova equipe é muito mais aberta

ao diálogo que a anterior. As mudanças no Banco Central não são tão significativas, pois já havia diálogo do Ibrahim Eríç com o mercado. Mas muda a equipe fazendária. Conheço pessoas como o Marcílio e o Roberto Macedo, que estão habituados ao diálogo em todos os níveis, tanto ao nível político, quanto ao empresarial, acadêmico e burocrático. Vai haver muita diferença de estilo e de diálogo. A mudança fundamental, portanto, não é ideológica.

Todo governo tem que ter uma ação política. Nessa ação política, é natural que se faça o máximo de carinho para os governadores. O problema é saber qual a dosagem de carinho e a de dinheiro. O ideal é dar o máximo de carinho e o mínimo de dinheiro. Antes, a equipe econômica não dava nem um coice, nem outra. A nova equipe promete certamente mais carinho. Não sei se vai dar realmente muito mais dinheiro.

Quanto à negociação da dívida externa, não houve mudança nenhuma. Os parâmetros da renegociação já tinham sido definidos pelo Jório Dauster e a Zélia. A proposta que está indo agora para ser aprovada no Senado é a da antiga equipe. Nada mudou. Mas vai ser necessário colocar muito mais carinho nessa negociação, não com os bancos particulares, e sim com as instituições financeiras internacionais.

É preciso saber que o poder da equipe econômica é limitado pelo poder real do presidente da República. Não se deve esquecer esse ponto, que é fundamental no governo Collor. No Brasil, há uma tendência a se superdimensionar a importância de uma equipe econômica no regime presidencialista. O que houve não foi uma troca de gabinete, mas apenas a troca de alguns ministros num regime presidencialista. O que limita muito o campo de mudança.